
Historical and dialectical materialism: contributions to the production of knowledge

Materialismo histórico e dialético: contribuições para a produção do conhecimento

Received: 2023-00-00 | Accepted: 2023-00-00 | Published: 2023-00-00

Ricardo Baratella

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0967-3036>

Universidade de Uberaba, Brasil

E-mail: ricardo.baratella@uniube.br

ABSTRACT

Karl Marx (1818-1883) and Friedrich Engels (1820-1895) created the philosophical conception of historical and dialectical materialism with a deep and critical theoretical and methodological perspective to understand the dynamics of reality. In this sense, the objective of this research is to understand the great transmutations of the historical processes of humanity. It is a bibliographical and documentary research. An electronic survey of articles, dissertations and theses was conducted in the SCIELO database and in the CAPES journal portal. Historical and dialectical materialism, from the methodological and educational point of view, seeks to understand the social production of the real and existence of humanity. At the same time, this method relates to various forms and modes of movement. In conclusion, it is believed that the method of historical and dialectical materialism is a kind of methodological skeleton more suitable for discussions about work and the metamorphoses of social phenomena, as well as for the conceptions of world and reality. The understanding of the real is not restricted to everything that is immediately given, observed, thought, perceived or felt.

Keywords: Historical and dialectical materialism; Work; Metamorphoses of social phenomena.

RESUMO

Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) criaram a concepção filosófica do materialismo histórico e dialético com uma perspectiva teórica e metodológica profunda e crítica para compreendermos a dinâmica da realidade. Nesse sentido, o objetivo da presente pesquisa é compreender as grandes transmutações dos processos históricos da humanidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental. Foi realizado um levantamento eletrônico de artigos, dissertações e teses na base de dados SCIELO e no portal de periódicos da CAPES. O materialismo histórico e dialético, no ponto de vista metodológico e da educação, busca compreender a produção social do real e de existência da humanidade. Ao mesmo tempo, esse método relaciona-se com diversas formas e modalidades de movimento. Concluindo, acredita-se que o método do materialismo histórico e dialético é uma espécie de esqueleto metodológico mais adequado para as discussões sobre o trabalho e as metamorfoses dos fenômenos sociais, assim como para as concepções de mundo e de realidade. A compreensão do real não se restringe a tudo que de imediato é dado, observado, pensado, percebido ou sentido.

Palavras-chave: Materialismo histórico e dialético; Trabalho; Metamorfoses dos fenômenos sociais.

INTRODUÇÃO

As contradições que ocorreram em um tempo pregresso e das quais nasceram a concepção de mundo moderno não foram concebidas em dias. As lutas diárias e as oposições permitiram o desenvolvimento de algumas áreas, como a filosofia e as ciências naturais. E pode-se dizer que o **materialismo dialético** é apenas o último anel dessa cadeia, a última repercussão de lutas que se reportam às épocas mais remotas da história. De acordo com Luft (2016, p.1), “esse movimento de olhar para trás na linha do tempo histórico significa um modo de revisitar as fontes da tradição dialética e redescobrir suas possibilidades não pensadas, na busca por uma teoria da razão universal sem viés”. As raízes desse desenvolvimento remontam à Grécia antiga, berço da democracia, do desenvolvimento de algumas áreas do conhecimento – filosofia, ciências, retórica, política e teatro.

DIALÉTICA DA REALIDADE

Para se compreender a dialética da realidade, voltaremos um pouco ao passado com alguns pontos de vista da cosmovisão filosófica sobre a dialética. Heráclito de Éfeso (540 - 470 a.C.) foi um filósofo que concebeu e desenvolveu as linhas universais do que mais tarde havia de chamar-se **dialética**. Ele chegou à sua teoria de formação do mundo por meio de uma generalização das teorias existentes em sua época. O filósofo pré-socrático Heráclito, considerado o pai da dialética e da filosofia do movimento idealizou a teoria da transformação ininterrupta de todas as coisas, revelando que tudo muda. Em outras palavras, nada fica inerte, todas as coisas se movem, tudo está permanentemente em metamorfismo contínuo, nada mantém-se fixo.

Este pensamento foi por ele relatado ainda sob outra forma, não menos admirável: “é impossível navegar duas vezes na mesma corrente” (1954 [1901]). De fato, um rio nunca permanece igual, modifica-se a cada instante. Essa ideia do movimento da correnteza de um rio que se transforma constantemente serviu a Heráclito para aclarar seu pensamento sobre o movimento e a transformação permanente de todas as coisas que se referem às ideias essenciais da dialética.

De acordo com a concepção filosófica de Heráclito, o mundo em si é infinito, isto é, infindável no tempo, e eterno, ou seja, ilimitado no espaço. Nesse sentido, o mundo se metamorfoseia constantemente, nunca permanecendo o mesmo. É preciso, porém, não confundir a transformação constante de todas as coisas com a teoria da evolução, proposta pelo naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882), ou com a teoria sintética da evolução ou neodarwinismo, que surgiu no século XX.

Para o filósofo pré-socrático, as transformações das coisas não acontecem de um modo arbitrário ou casual, mas em cumprimento a determinadas regras. Uma transformação se verifica sempre por meio das contradições. A luta entre coisas opostas é a força motriz de todas as alterações, de todo o desenvolvimento de algo. É sabido que, para Heráclito, a essência de todas

as coisas e de todos os processos consiste no sincronismo dos opostos, do antagonismo existente entre as coisas. Isso porque realmente em tudo e todas as coisas são constituídas de contradições.

Por outro lado, para entendermos o desenvolvimento de concepção ou de consciência de mundo moderno, importa ressaltar que filósofos materialistas sucederam uma série de pensadores idealistas, dentre os quais sobressaíram-se Platão e Aristóteles. Os dois filósofos exerceram uma interferência expressiva em algumas gerações, tanto na filosofia da Idade Média como da contemporaneidade. Nesse sentido, Santos (2009, p.7) nos diz “que é necessário ler Platão para o poder rejeitar. As suas grandes descobertas, os erros e parcialidades a que deu origem, os desvios que suscitou, estão presentes nas opções com que a sociedade atual se confronta”.

O filósofo e matemático Platão defendia o **inatismo**. Nessa ideologia filosófica, seus defensores acreditavam que determinadas ideias ou que os conhecimentos são decorrentes de conteúdos cognitivos que estão presentes em cada ser humano desde o nascimento. À vista disso, podemos evidenciar que, na corrente filosófica do idealismo platônico, os conhecimentos não são adquiridos ou assimilados a partir de nossas experiências individuais.

O universo dos sentidos, o mundo da percepção sensível, não é o mundo real, porém, faz parte de um mundo visível. Nessa lógica, para Platão, a verdadeira essência de algo não reside na matéria, mas em um princípio intelectual não material. O macrocosmo dos fenômenos sensíveis não é senão uma decorrência, um reflexo das ideias imutáveis, independentes, emancipadas de suas configurações de expressão material.

Com relação aos estudos filosóficos de Aristóteles, ele defendia o **empirismo**. Acreditava que o conhecimento prático propiciava uma compreensão da verdade e do mundo e que a teorização desse conhecimento era derivada de nossas experiências. Em outros termos, Ramos (2014, p.62) nos sinaliza que a concepção aristotélica “representa uma notável contribuição à filosofia política no que diz respeito à qualificação do homem como um ser que realiza os seus mais altos fins na relação indissociável com a comunidade (*polis*) na efetivação de um bem comum”.

DIALÉTICA DA ANTIGUIDADE

De fato, a dialética da antiguidade era circunscrita porque representava a dialética de uma classe dominante, cuja existência repousava no trabalho dos indivíduos escravizados. Nem ao menos Platão nem sequer Aristóteles, os filósofos mais vultosos do século IV a.C., podiam ser capazes de idealizar uma transformação das condições sociais, melhor dizendo, que a escravidão terminasse um dia e que o antagonismo entre os homens libertos e os submissos escravos fosse abolido. Por essa razão, a ideia que eles concebiam da transformação das coisas não passava de determinado limite social, ou seja, de que a ideia da escravidão devia ser algo eterno, que nunca acabaria. Na classe dominante da sociedade ateniense, no período clássico, a exploração do

trabalho dos escravos e a própria dominação de classe revelava o desenvolvimento natural das capacidades humanas e, essencialmente, o progresso da razão. Isso se explica pelo fato de que a produção escravagista não era exclusivamente, nem em sua maioria, uma produção de mercadorias, isto é, uma produção pela mais-valia, como sucede na produção capitalista e, sim, uma produção para consumo direto, ou seja, uma produção de valores de uso.

Isso posto, podemos dizer que a **dialética idealista** crê que o movimento das coisas é o resultado das contradições que existem nas ideias. Entretanto, a **dialética materialista** nos revela que o movimento de algo constitui o elemento principal e as contradições que se produzem nas ideias são apenas o reflexo do movimento real. Em síntese, a mais transcendente forma de dialética é a que integra de uma só vez a dialética da coexistência e abarca, sincronicamente, a lei das transformações de um estado e as relações entre as diversas partes de um todo.

À vista disso foi que, em “O Capital”, Karl Marx (1818 - 1883) idealizou toda uma seriação de leis econômicas que explicam a existência do capitalismo como um todo e quais as interações que existem entre as suas múltiplas partes. Demonstrou a forma que o sistema capitalista se origina de um outro sistema, o da simples produção de mercadorias e, em contrapartida, como as leis do modo de produção capitalista se modificam, no decorrer do tempo, em outras leis que direcionam além do capitalismo a um sistema antagônico, o socialismo. Antes de avançarmos aos estudos e pensamentos de Marx e Engels, relataremos sobre os posicionamentos de seus antecessores, quer dizer, Hegel e Feuerbach.

MÉTODO DIALÉTICO

O elemento mais significativo e mais progressista da filosofia de Friedrich Hegel (1770 - 1831) foi o **método dialético**. Pode-se dizer que o filósofo germânico descobriu novamente a dialética porque a mostrou sob um ponto que nenhum dos outros filósofos havia até então alcançado. Para ele, coisa alguma do mundo real, nem na realidade e nem na fisiologia do cérebro humano, mantém-se tal qual é, mas se transforma sem cessar ao longo do tempo: que qualquer coisa, toda instituição tem uma origem e, por consequência, um fim, percorrendo uma fase ascendente e um ciclo descendente em seu desenvolvimento.

Na opinião de Trein (2016, p.35), a concepção filosófica de Hegel, “o objeto, a coisa, a realidade, é dialética, representa um constante vir-a-ser, onde as partes se relacionam dialeticamente. Na ontologia hegeliana, a realidade objetiva está em ininterrupto processo de constituição”. E, ainda, complementa suas ideias realçando que na concepção filosófica de Hegel, “o movimento da dialética tem uma finalidade e tem um fim, ou seja, um término, e tem a razão de ser em si mesmo.” (TREIN, 2016, p.37).

Ao analisarmos as palavras de Trein (2016), podemos dizer que a dialética nos ensina que todas as coisas, as instituições e inclusive as ideias morrem, se transformam. Mais precisamente, a dialética diante de coisa alguma perdura, se conserva. Para ela, nada é sagrado,

perene ou imortal. Assim, na concepção do idealismo hegeliano, essa força demolidora da dialética é, simultaneamente, a força motriz mais concebível do progresso histórico.

De acordo com a lógica de Hegel – precursor do existencialismo e do marxismo –, a dialética se estabelece dentro de um sistema de entendimento da realidade, em face de um processo em incessante movimento no qual o antecedente (tese) se supera e subsiste no precedente (antítese), se transformando, logo após, em um novo antecedente (síntese), a ser mais uma vez superado e conservado e, doravante, em um ciclo contínuo de crescentes processos de transformações. Em outras palavras, considera-se que a tese se trata de uma afirmação ou de uma determinada situação preliminarmente dada.

A **antítese** é uma negação, refere-se a uma contraposição à tese. Do conflito e antagonismos entre tese e **antítese** manifesta-se e aparece a “**síntese**”, que é uma circunstância nova que carrega dentro de si elementos resultantes dessas divergências ou conflitos. A tese, a **antítese** e a **síntese** não são um método, não são uma técnica ou procedimentos, mas resultam da dialética, da natureza das coisas ou de algo. Em suma, a **síntese** transforma-se em uma nova **tese** que, por sua vez, **contrapõe-se** a uma nova **antítese** se transformando em uma nova **síntese** – um processo em cadeia permanente, constante e infinito.

Também é sabido que, para Hegel, o movimento das ideias constitui um fator relevante e primário. Em outros termos, as ideias são para ele o motor e o gerador da realidade material, tanto da natureza como da história. A visão hegeliana refere-se à dialética idealmente, defende que a mola da dialética é a contradição, que o movimento das ideias possibilita a criação de um movimento universal. Nessa perspectiva, as ideias criam a realidade, o mundo real.

O que há de mais significativo na doutrina do filósofo materialista alemão Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) é, inicialmente, o fato de que coloca fim à filosofia como ciência especial e, secundariamente, põe fim ao idealismo, evoluindo para o materialismo. Na concepção filosófica feuerbachiana (1828, s/p.), o “pensamento nasce do ser e não o ser do pensamento”.

No ponto de vista de Aquino (2014, p.258), Feuerbach acreditava que “o empirismo tem razão em conceber os sentidos como fundamento de nossas ideias; contudo, esquece-se apenas de que o mais importante e mais essencial objeto dos sentidos do homem é o homem mesmo”. Dessa forma, a corrente filosófica de Feuerbach foi, todavia, em parte negativa. De maneira oposta à Hegel, faltou ao pensamento de Feuerbach, a dialética.

O progresso sobre o materialismo de Feuerbach foi realizado por Karl Marx e Friedrich Engels, a partir de 1840, isto é, alguns anos antes da revolução francesa de 1848. Marx e Engels eram discípulos de Ludwig Andreas Feuerbach. No entanto, não foi somente a filosofia alemã que os conduziu ao materialismo dialético. Outros acontecimentos da época contribuíram do mesmo modo para isso, especialmente a luta de classes que, por consequência, se desenvolvia na Inglaterra.

Engels ([1845] 2010, p.41) realça que “a situação da classe operária é a base real e o ponto de partida de todos os movimentos sociais de nosso tempo porque ela é, simultaneamente, a expressão máxima e a mais visível manifestação de nossa miséria social”. Naquela ocasião, a Inglaterra era o país mais desenvolvido economicamente, podia-se constatar naturalmente que a verdadeira razão para a explicação das lutas políticas era a luta de classes, nas lutas travadas entre a burguesia e o proletariado. Por outro lado, era notório, para quem acompanhasse a luta de classes na Inglaterra, que esses episódios eram explicados pela situação econômica das classes que se defrontavam.

Outro ponto a ser destacado foi relatado por Redyson (2011, p.8), “Marx foi influenciado por Hegel e em seguida pelas críticas de Feuerbach, isso é claramente visível desde os **Manuscritos econômico-filosóficos** de 1844”:

Feuerbach é o único a ter tido uma atitude séria, crítica, com a dialética hegeliana, tendo feito verdadeiras descobertas nesse domínio; ele, em suma, é o verdadeiro vencedor da antiga filosofia. A grandeza com que a executou e a simplicidade discreta com que Feuerbach a entregou ao mundo criam um contraste surpreendente com a atitude inversa dos outros. (MARX, 1984, p. 173 *apud* REDYSON, 2011, p.8).

Voltando às concepções dialéticas, um ponto que cabe ser destacado é que Feuerbach encontrou a chave da explicação materialista da natureza, do materialismo antropológico. No entanto, Marx e Engels encontraram a chave da explicação materialista da história. E a descobriram presenciando a forma pela qual os homens buscavam seus meios de subsistência. Em vista disso, começaram a utilizar a expressão “modo de produção”. **Modo de produção** significa a maneira pela qual os indivíduos buscam seus meios de existência e de sobrevivência, sintetizada por Engels (1883, s/p.) em uma frase: “o homem tem necessidade de comer e beber antes de filosofar”. Para ele, tudo o que acontecer depois disso depende das ações e da forma como os homens buscam a satisfação ou não de suas necessidades materiais.

Essa outra realidade constitui a base da explicação materialista da história. Consequentemente, pode-se dizer que ela destrói integralmente o idealismo e, de certa forma, o expulsa de seu último refúgio, a concepção idealista da história. Nessa perspectiva, sabe-se que, em Feuerbach, a dialética ocultou-se, desapareceu. Em Max e Engels, contraditoriamente, ela ressurgiu e se desenvolve, transmutando-se em uma dialética materialista. Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) criaram a concepção filosófica do materialismo histórico e dialético

O filósofo marxista Karel Kosik (1926-2003) expressou em **Dialética do concreto** (2010, p.44-50) que no “exame da totalidade, não podemos nos limitar à análise do todo e das partes, mas garantir seu caráter dialético, assumindo a unidade das contradições e a dialética de fenômeno e da essência, da lei e da casualidade, do todo e da parte, da essência e dos aspectos fenomênicos” (RICHTER, 2012, p. 239). A priori, para se chegar ao estágio do conhecimento é

fundamental desagregar o todo e apresentar o que é particular e específico desse algo. Por meio dessa ação é que se poderá reproduzir espiritualmente a estrutura ou a ordenação de algo, e, assim, compreender esse algo ou essa parte em sua relação com a totalidade.

A materialidade real para Kosik (2010), deriva-se de uma prática multilateral, com várias ramificações, não segmentada, o que possibilita o entendimento da essência do algo, da parte. Mas para se chegar à medula, ao interior desse algo é necessário o auxílio da ciência, do conhecimento científico, dos princípios e leis científicas. Logo, a teoria é necessária para se ter a clareza das estruturas do todo. A teoria é essencial para se compreender a materialidade real e entender o mundo dialético em sua concretude.

O METODO DIALÉTICO NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Ao considerarmos os referidos aspectos sobre e do materialismo histórico e dialético é importante destacar o que a pesquisadora Maria Abádia da Silva elucida no livro **O método dialético na pesquisa em educação**:

[...] o método materialista histórico e dialético considera que o mundo, por sua própria natureza é material e que os múltiplos e variados fenômenos do mundo e da natureza constituem diversas formas e modalidades da matéria em movimento. O referido método não só analisa os vínculos mútuos e as relações de interdependência entre os fenômenos, mas também coloca em relevo as leis com as quais se desenvolve a matéria em movimento. O mundo se desenvolve conforme essas leis sem que exista algum espírito universal que seja o motor desse movimento. (SILVA, 2014, p.139).

Por esse ângulo, identificamos nas palavras de Silva (2014) que o materialismo histórico e dialético, no ponto de vista metodológico e da educação, busca compreender a produção social do real e de existência da humanidade. Na visão de Silva (2014, p.139), “a natureza e a vida estão unidas de forma indissolúvel numa relação dialética, em constante movimento e transformação. A vida e a natureza são a própria dialética, num processo de transmutação e desenvolvimento infinito”. Todavia, para Sanfelice (2008, p.23), “só existe dialética se houver movimento e só há movimento se existir processo histórico”.

O materialismo histórico e dialético possui por objeto de estudo o conhecimento, a compreensão da vida dos homens em sociedade, as mutações da sociedade que o homem produz. Consequentemente, é surreal acreditar que o conhecimento aconteça sem a existência de alguém, sem a presença dos outros, sem as relações de mutualidade entre os fenômenos, sem que a matéria esteja em movimento.

O universo e tudo que existe no macrocosmo tem vida material, concreta e, de forma lógica e racional, pode ser ordinário, habitual e conhecido. O conhecimento científico gerado pelo homem concebe o real em suas múltiplas vertentes com a finalidade de superar a aparência de algo e alcançar a sua essência. À luz do materialismo histórico e dialético, Martins e Lavoura (2018, p. 225) realçam que o conhecimento científico:

se constitui na prática social humana à medida que a própria vida social vai se desenvolvendo e se complexificando, e os homens vão adquirindo condições determinadas social e culturalmente de refletir e teorizar (com métodos cada vez mais desenvolvidos) sobre essa mesma prática social e seus objetos e fenômenos constitutivos. Trata-se, por conseguinte, de se conceber o conhecimento como produto do trabalho dos indivíduos que são historicamente situados, de decodificação abstrata sobre a realidade concreta.

Pela ótica do método do materialismo histórico e dialético, a compreensão do real não se restringe a tudo que de imediato é dado, observado, pensado, percebido ou sentido. Se as ideias e pensamentos se limitarem a essas ações, chegarão ao nível das evidências, ao previsível, restringindo-se a apreender somente ao que está explícito. À vista disso, evidenciamos que o aporte teórico-metodológico do materialismo histórico e dialético demanda o entendimento do historicismo concreto e as análises das obras de Karl Marx e Friedrich Engels foram primordiais para compreendermos como a produção material da vida se relaciona às diferentes formas de relações humanas.

É patente. O real existe. É passível de ser conhecido. Ao estudarmos as relações humanas, a história do pensamento humano e ao tentarmos compreender a consciência humana, encontramos duas significativas concepções epistemológicas, essencialmente opostas, sobre o mundo e a realidade: a **concepção metafísica** e a **concepção materialista**. Elas correspondem a abordagens metodológicas que indicam caminhos diferentes e até mesmo conflitantes nas formas de compreender o real.

Martin Heidegger (1889-1976), filósofo existencialista e escritor alemão, foi um dos grandes pensadores do século XX. Suas concepções filosóficas eram fundamentadas na fenomenologia e ao pós-estruturalismo.

[...] O sentido do ser é projetado pelo homem no horizonte do tempo originário, explicitado por uma nova disciplina filosófica criada por Heidegger: a analítica existencial. Em certos textos da primeira fase, como “**Que é metafísica?**”, Heidegger usa o termo “metafísica” para designar seja a relação do homem ao ser - a sua disposição de transcender o ente no seu todo em direção ao ser -, seja a explicitação conceitual desse movimento. Portanto, nesse opúsculo, o termo “metafísica” tem um sentido muito próximo de “ontologia fundamental.” (LOPARIC, 2008, p.10-12).

Pela concepção metafísica, o desenvolvimento de uma pesquisa orienta-se por métodos de investigação simples, congruentes, eufônicos e a-históricos, conduzidos pela observação objetiva dos fenômenos, isentando-se de executar uma assimilação de organização, de desenvolvimento e de transformações dos episódios que ocorrem no contexto social. Por centralizar-se na observação dos fenômenos, circunscreve-se na aparência e nos movimentos visíveis da sua representação, gerando resultados com uma descrição e explicação dos fenômenos traçados.

Para Heidegger, a descrição fundamental do ser humano é como *ser-no-mundo*, ou seja, não há dualismo, polaridade ou oposição entre homem e mundo: ser-homem é indissociável do mundo. O trabalho de Heidegger mostra

que o ser-no-mundo é a condição primeira para o entendimento do ser do homem. As vicissitudes do ser-no-mundo são anteriores às elaborações teóricas quanto a um ponto de partida ou uma característica definidora que norteie um percurso compreensivo. Já há uma determinação insuperável que, todavia, tende a se manter velada no cotidiano, a existência como ser-no-mundo. (ROEHE; DUTRA, 2014, p.107).

Em seus pensamentos sobre a filosofia heideggeriana, os pesquisadores Loparic (2008), Roehe e Dutra (2014) evidenciam que ao buscarmos entender o homem a partir do seu modo de ser e pelo seu jeito de viver, argumentações fundamentadas em princípios da dualidade convencionais como corpo-mente, sujeito-objeto, homem-ambiente podem ser reformuladas, com o objetivo de se compreender que as polaridades existentes são apenas demonstrações e exteriorizações do modo de ser do homem e não seu fundamento, a sua razão.

Em outras palavras, pode-se fazer uma analogia da concepção filosófica heideggeriana com a saúde da humanidade. Os problemas de saúde dos indivíduos não se limitam às fronteiras do corpo humano. O processo saúde-doença ultrapassa as nossas individualidades corporais, pois ele corresponde a outros espaços ou dimensões que estão relacionados à vida humana. Implícito a tudo isso, temos uma concepção de homem. Os nossos limites não se esgotam nos corpos, não somos uma unidade material autossuficiente, nós transcendemos a própria materialidade. Por isso, não é possível compreendermos a espécie humana somente na forma de suas individualidades. O ser humano, o *ser-no-mundo* transcende a própria materialidade.

Na concepção materialista da história, a base filosófica da dialética transita por uma trajetória que vai de Heráclito a Hegel e de Hegel para o pensamento marxista que instaura uma nova dialética estabelecida no materialismo histórico. Por outras palavras, a dialética, na concepção materialista, representa um conjunto de leis ou concepções que administram a universalidade da realidade. No que diz respeito à concepção materialista, Gaudencio Frigotto (2017) argumenta que ela é:

materialista histórica é, ao mesmo tempo, uma concepção de como se produz a realidade humana em todas as suas dimensões, um método dialético na apreensão de como essa realidade se produz sob as relações classistas no seio do modo de produção capitalista e uma prática política ou práxis na tarefa de sua superação na construção de uma sociedade sem a exploração de classe, uma humanidade emancipada. (FRIGOTTO, 2017, p. 510).

A partir das considerações de Frigotto (2017), pode-se dizer que a corrente teórica de abordagem metodológica “materialismo histórico” estuda a sociedade, a política e a economia, os processos históricos recorrendo às associações entre o trabalhador, os meios de produção e as forças produtivas. Ademais, para os materialistas históricos, o corpo social foi crescendo e se desenvolvendo mediante os meios de produção ou produção de bens que, de um lado, satisfaziam as pessoas em suas necessidades primárias e prescindíveis e, por outro lado, determinavam as mutações sociais e históricas da humanidade.

Em síntese, destacamos os princípios medulares do “materialismo dialético”: (1) a história da filosofia, que se manifesta com um fluxo de dogmas ou doutrinas filosóficas antagônicas, em que se defrontam o princípio materialista e o princípio idealista; (2) homens e mulheres determinam a consciência e não contrariamente; (3) integralmente, a matéria é fundamentalmente dialética, e o contraditório da dialética é a metafísica, que compreende a matéria como não histórica, inerte ou fixa; (4) a dialética é o estudo das contradições ou dos paradoxos na essência própria da realidade, das coisas com existência concreta.

De outro modo, Andery (2012, p.399) nos clarifica que: [...] segundo Marx, “a base da sociedade, assim como a característica fundamental do homem, está no trabalho. É do e pelo trabalho que o homem se faz homem, constrói a sociedade, é pelo trabalho que o homem transforma a sociedade e faz história [...]”. Isto é, a concepção materialista marxiana traz em seu âmago uma concepção de natureza e as relações do homem com o meio.

O homem é um ser comum e particular, parte integrante da natureza. É a partir do trabalho que ele desenvolve a produção dos seus meios de subsistência e que, factualmente, são aperfeiçoados com o passar do tempo. Por isso, ao metamorfosear o que há na natureza para o seu benefício e satisfazer as suas necessidades essenciais, essas mutações irão refletir no processo de existência humana, na transformação da sociedade. Desse modo, o trabalho torna-se uma unidade formadora desse homem; em síntese, ao produzir seu produto, o homem produz-se a si mesmo.

O conceito de trabalho se revela complexo e apresenta múltiplos significados, ao longo da história. Realizando o **trabalho** as pessoas utilizam a natureza para a satisfação de suas necessidades pessoais. O **trabalho** é inerente à existência humana desde as primícias da vida em sociedade. O **trabalho** perpassa de diferentes formas na vida de homens e mulheres. O **trabalho** pode ser identificado como atividade laboral produtiva voltada ao capital. Na atualidade, o **trabalho** se manifesta por meio de novos padrões de produtividade. O **trabalho** é socialmente necessário. Por meio do **trabalho** o ser humano cria a si mesmo. A constante análise e investigação pela construção de si poderá proporcionar a compreensão dos reflexos do **trabalho** sobre as pessoas e das pessoas sobre o **trabalho**. A flexibilização nas relações de **trabalho** provoca uma acentuada esfacelamento ou fragmentação da classe proletária. O **trabalho** excessivo, desmedido diz respeito a “mais-valia”, que corresponde ao real lucro do detentor dos meios de produção.

A reestruturação produtiva emergiu a partir dos anos 1970 e corresponde ao processo de reestruturação do sistema capitalista mundial. Provocou intensas transformações nos processos de trabalho e produção, consolidando o modelo flexível do trabalho em indústrias e empresas. Consequentemente, novas exigências emergiram e o empregado começou a realizar diversos trabalhos ao mesmo tempo. No século XXI, a intensidade do trabalho está canalizada para os resultados. A dialética da centralidade do trabalho requer a consideração da relação antitética ou contraditória entre capital e trabalho. As transformações ocorridas no mundo do trabalho,

principalmente a partir da década de 90 vêm repercutindo, por exemplo, na rotina dos docentes e na subjetividade de professores da educação superior.

A precarização do trabalho poderá refletir negativamente sobre a saúde mental de homens e mulheres. Os docentes, frente à pandemia da COVID 19, muitas vezes, foram confrontados a atualizarem-se e adaptarem-se à cultura virtual e às inovações tecnológicas, cumprindo uma carga horária que ultrapassa sua jornada de trabalho. O resultado é um agravamento das patologias mentais do trabalho [...], “o aparecimento de novas patologias, os suicídios perpetrados no próprio local de trabalho, o que não ocorria, [...], antes do domínio neoliberal [...]” (DEJOURS, 2012, p. 43).

Essas frases nos remetem a várias reflexões e pensamentos. Segundo Netto (2011, p.57), “sem as contradições, as totalidades seriam totalidades inertes, mortas. [...] Não há fórmulas/formas apriorísticas para determiná-las, cabe à pesquisa descobri-las”. A natureza das contradições, os seus compassos ou pulsações, as circunstâncias de seus limites, restrições, comandos e soluções irão depender da estrutura de cada totalidade. Ora, o universo não é um conjunto de pessoas prontas e acabadas. Há diferentes modos de ser do ser social, há uma existência particular. A subjetividade circula de diferentes maneiras no corpo social. Não é uma espécie de reflexo automático e inconsciente, tudo isso é processo, é movimento, que se impulsiona pelas contradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa passa pela filosofia, sociologia, antropologia, educação, psicologia, saúde pública e epidemiologia pela lógica do materialismo histórico, derivado da dialética do trabalho. As pesquisas de base histórico e dialética podem contribuir para desvendar as contradições contemporâneas do capitalismo, permitindo compreender as diversas e complexas variáveis que se inscrevem na constituição histórica do processo de trabalho.

A temática não pressupõe discussões desmedidas sobre as distintas conotações da terminologia dialética ao longo da história. Em nosso entendimento, a utilização do método “materialista histórico e dialético” externa-se como o mais adequado e o que mais colabora para o desenvolvimento de pesquisas na área das ciências humanas e sociais, visto que a dialética sob o ângulo do materialismo histórico parte da concepção de que o mundo não pode ser olhado e encarado como um sistema acabado, mas sim um movimento, com contradições e estabelecendo uma relação entre parte e todo.

REFERÊNCIAS

ANDERY, Maria Amélia Pie Abid. et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 436 p.

AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Feuerbach e a fundação sensível da filosofia: imediatidade e mediação na relação Eu-Tu. **Kriterion**, vol.55 no.129 Belo Horizonte jan./jun. 2014.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo. Trabalho e emancipação**. Tradução de Franck Soudand. Brasília: Paralelo 15, 2012.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. São Paulo: Boitempo, 2010. 388p: il. (Mundo do trabalho; Coleção Marx-Engels). Faculdade de Direito. Belo Horizonte, 2019.

FRIGOTTO, Gaudencio. Dermeval Saviani e a centralidade ontológica do trabalho na formação do “homem novo”, artífice da sociedade socialista. **Interface**. Botucatu: 2017; 21(62):509-19.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LOPARIC, Zeljko. A metafísica e o processo de objetificação. **Nat. hum.** v.10 n.2. São Paulo dez. 2008.

LUFT, Eduardo. A inspiração de Hegel em Platão: a construção de uma teoria da razão dialética. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos on-line**, 2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6374-eduardo-luft-4>

MARTINS, Lígia Márcia; LAVOURA, Tiago Nicola. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**, Livro I, vol. 2. São Paulo: Abril cultural, 1984.

NETTO, José Paulo **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

REDYSON, Deyve. Ludwig Feuerbach e o jovem Marx: a religião e o materialismo antropológico dialético. **Argumentos**, ano 3, n.5, 2011.

RICHTER, Leonice Matilde. Clássico Marxista: “Dialética do concreto”. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 1, n.1, p. 236-248, 2012. [Seção] Resenha. Resenha da obra de: KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. **Avances em Psicologia Latinoamericana**. Bogotá (Colômbia), vol. 32 (1). 2014, p.107.

SANFELICE, José Luís. **Dialética e pesquisa em Educação**. In: LOMBARDI, J. C, SAVIANI, D. (Orgs.). **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2008.

SANTOS. José Trindade. A obra platônica, na sua totalidade, é fundante do pensamento ocidental. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos on-line**, 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2571-jose-trindade-santos#:~:text=%C3%89%20necess%C3%A1rio%20ler%20Plat%C3%A3o%20para,a%20sociedade%20atual%20se%20confronta.&text=Contudo%2C%20embora%20Maquiavel%20n%C3%A3o%20deva,tamb%C3%A9m%20nele%20Tras%20ADmaco%20est%C3%A1%20presente>

SILVA, Maria Abádia da; CUNHA, Célio da; SOUZA, José Vieira. **O método dialético na pesquisa em educação**. Coleção Políticas Públicas em Educação. Campinas: Autores associados, 2014. 352p.

TREIN, Franklin. A relação Marx-Hegel: um desafio insuperável. **Revista Dialectus**, ano 3, n.8, jan./ago. 2016, p.33-59.